

1917, GREVE GERAL NA AMÉRICA LATINA E A REVOLUÇÃO RUSSA

Pablo Mizraji

*La dictadura de la burguesía o del proletariado,
es siempre tiranía y la libertad no puede alcanzarse por medio de la tiranía.*

Ricardo Flores Magón

A organização do movimento operário e a propagação das ideias ácratas no continente americano ocorrem quase que, simultaneamente. Impulsionada pelas tendências organizacionistas e pró-sindicais, animadas pelas seções regionais da AIT no final do século XIX, a atividade anarquista vive um pleno desenvolvimento na América Latina. Podemos perceber sua linha construtiva em países como o México, Cuba, Argentina, Brasil, Chile, Uruguai, Venezuela, Bolívia, Paraguai, Equador e Peru. Reunimos desta maneira, a trajetória revolucionária de um anarquismo integralmente inserido nas bases dos movimentos operários e camponeses desde os primórdios do sindicalismo. No ano de 1917, toda a classe trabalhadora da América Latina recebia o forte abalo das repressões que se encaminhavam para a criação de Estados transnacionais contra a crescente organização do movimento operário, rigorosamente marcado pelo cunho internacionalista. Além do contexto, de medição de força dos imperialismos que disputavam as frações em território americano, como a grande Primeira Guerra Mundial, a guerra travada contra o capitalismo dava novos contornos para as lutas sociais e formas de organização libertárias. O sindicalismo revolucionário, por sua vez, demonstrava intensidade na medida em que a repressão ganhava forma e horizonte.

Se a Revolução Mexicana antecedeu em 7 anos o processo revolucionário dos *soviets* na Rússia e na Ucrânia, nos países da América Latina, a organização do movimento operário não estava aquém dos países considerados periféricos ao desenvolvimento capitalista. Devidamente reconhecidas as suas peculiaridades, o

esgotamento do modelo bolchevique, organizados e ampliados nos PCs pelo mundo, e patrocinados pela prática teórica do marxismo estatista, as implicações diretas e indiretas sobre o pensamento da esquerda latinoamericana enunciava um confronto nítido entre o campo do chamado “socialismo autoritário” e o “socialismo libertário”. Tal contorno se dava tanto por dentro do marxismo (entre leninistas, trotskistas e heterodoxos) como por fora do socialismo, com movimentos operários não-marxistas, mas de posicionamento a favor do sindicalismo revolucionário, anarcossindicalismo e autônomos. Tais universos pertencentes ao campo de lutas do socialismo dividiram tensões e abreviaram as suas linhas demarcatórias após a experiência fulminante do bolchevismo, como afirma, por exemplo, o marxista heterodoxo José Aricó.¹ É melhor dizer, muito além do significado correto sobre o grau de influência política que há entre a Revolução Russa e a resistência operária latinoamericana, existem encadeamentos agudos para a perspectiva histórica da esquerda no continente. O anarquismo latinoamericano subsistiu aos bancos dos réus do Estado opressor, ao nascimento do fascismo, à apropriação estatal-socialista dos sindicatos e permanece, ainda hoje, organicamente pela linha classista de sua tradição. A experiência de Outubro apenas reafirmou as suas próprias declarações de princípios, ideológicas, teóricas e políticas.

Diferentemente dos “inconclusos” conceitos marxistas sobre as categorias de *lumpen* e de campesinato, as portas da revolução social abriam para outros caminhos. A Revolução Mexicana de 1910 seria, às vistas do marxismo tradicional, ou inconcebível ou definitivamente contrarrevolucionária. Apesar disso, tal empreendimento revolucionário levantou grandes questionamentos sobre a possibilidade de reconhecer em “sujeitos políticos incapazes” (considerados “*a priori*”) - designação específica às categorias sociais das classes oprimidas -, que levassem a cabo o destino “inevitável” da substituição do sistema capitalista por uma revolução social. Os latinoamericanos, em sua heterogênea composição social, povos originários, campesinos, toda a classe de indigentes, o *lumpen*, remanescentes da escravidão, entre outros, souberam encontrar, no caldo de suas lutas internas contra o sistema de dominação e exploração, a sua revolução social inerente. Aqui, os conceitos devem ser reafirmados simultaneamente. A experiência soviética acrescentou ingredientes novos às interrogações sobre os processos políticos já traçados.

¹ José Aricó em “1917 y América Latina” em Nueva Sociedad, n.º.111. Fevereiro de 1991, pp. 14-22.

MÉXICO E CUBA: PRÉ-REVOLUÇÃO RUSSA

Iniciada em 1910, a Revolução Mexicana espantava e, ao mesmo tempo, estimulava o mundo. Nenhum país tornou-se indiferente ao processo desencadeado pela Revolução Mexicana que, ao lado da Revolução Russa de 1917, é tido como um dos eventos políticos mais significativos do século XX no mundo. Foi neste país que se deu a experiência mais prematura do anarquismo no continente.² Aprofundado pela crise de meio século graças aos altos custos econômicos propiciados pelas nações estrangeiras em solo mexicano, o governo mexicano de Porfírio Díaz se viu sitiado pelos movimentos rurais e urbanos. Como na Rússia, mais de 80% da população vivia no campo, e nesta época, organizações sindicais (mutualistas) e camponesas foram somando forças aliando-se à revolução. Sob o governo de Carranza (1917-1920), o enfrentamento dos villistas, zapatistas e sindicalistas agregou elementos políticos para a os demais movimentos posteriores, como pó exemplo, as revoltas de Chiapas, Oaxaca e Michoacán.³

Desses movimentos, que para a história do anarquismo, serviram de embrião ao considerar estratégias de luta para a transformação social, o magonismo foi consideravelmente significativo. Na forma de pensamento e ação de vanguarda durante a Revolução de 1910, principalmente pelas ideias ácratas dos irmãos Henrique e Ricardo Flores Magón, o anarquismo mexicano prescrevia uma revolução a nível econômico e político. Ricardo Flores Magón se auto intitulava anarquista como assim se referia frente ao Partido Liberal Mexicano: “Os membros do Partido Liberal não são magonistas, são anarquistas!”⁴.

É certo afirmar que o episódio russo de 1917, influenciou e exerceu importância diretamente sobre posições plataformistas, minorias ativas e no experimento original do Partido Liberal, e desta forma, para outros movimentos como o indígena⁵ (yaquis, mayos e cucapás, entre outros), sindicalistas (tanto no México como nos trade-unions

² MECHOSO, Juan C. Acción Directa Anarquista, una historia de FAU. Tomo I. Raíces, 1870-1940. Ed. Recortes. Montevideo. 2011. p.132

³ Arquivo da política exterior russa de Nicolai M. Lavrov, 1917. Disponível em: http://www.ikl.org.pl/Estudios/EL06-2/EL06-2_10_lavrov.pdf. Acesso em: 06/04/17.

⁴ Do livro “Verdugos y Víctimas”, cujo personagem responde indignado no momento em que é preso e julgado: “Não sou magonista, sou anarquista. Um anarquista não tem ídolos”.

⁵ Influência graças à docência exercida por Teodoro Flores, mestiço de mazatecos e pai dos irmãos Magón.

dos Estados Unidos) e, recentemente, o movimento zapatista⁶. A influência do magonismo é reconhecidamente marcada pela conquista dos direitos sociais na carta constitucional de 1917, qual programa que desde 1906, vinha sendo defendido pelo PLM. O lema “Terra e Liberdade” identificava o magonismo com o zapatismo, qual se podia ver a influência anarquista na construção do Plano de Ayala.⁷ Com o programa econômico magonista incorporado por Zapata e parcialmente utilizado pelo constitucionalismo de 1917, pode-se dizer que “Magón conquistara uma vitória moral”⁸, convertendo-se em símbolo de luta para os povos oprimidos.

A primeira organização anarquista cubana, a Aliança Operária (1887) participou da criação da Federação de Trabalhadores de Havana, durante o primeiro Congresso Operário de Cuba, no mesmo ano. Poucos anos depois, Errico Malatesta visitaria a Ilha de Cuba, organizando *meetings*, palestras e preparando estatutos dos que viriam a ser os primeiros sindicatos. O incômodo dos patrões e do Estado foi sentido quando o governador Emilio Nuñez cancelou todas as suas conferências no país. Em 1903, já existiam sindicatos formados em defesa dos trabalhadores da indústria açucareira e do tabaco e, em 1911, outros setores da indústria entraram em greve, gerando conflitos violentos entre as tropas do governo e os trabalhadores, com saldo de mortos e vários anarquistas imigrantes deportados.⁹ Esse processo de embate entre movimentos sociais e o governo durou cerca de 20 anos. Em 1915, a maioria dos jornais e revistas libertárias, ou foram proibidas ou foram fechadas.

⁶ O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) foi formado em 1994 no estado de Chiapas, como organização político-militar reivindicando o magonismo como se pode ver na carta do “Cidadão do Ano Ricardo Flores Magón”, de 1997, onde organizações indígenas, coletivos libertários e ajuntamentos municipalistas autônomos de Oaxaca declaravam: “Porque o magonismo é uma experiência que continua produzindo vida (...)”. Posteriormente, em 2000, organizado pelas municipalidades indígenas de Oaxaca foram celebradas as “Jornadas Magonistas”, em razão dos 100 anos da fundação do jornal “Regeneración”, do PLM.

⁷ O Plano de Ayala foi uma carta e programa político feita por Emiliano Zapata, com o chamamento às armas para restituir a coletividade das terras para os camponeses e povos originários, sob o lema “Reforma, Liberdade, Justiça e Lei.”

⁸ MECHOSO, Juan C. Acción Directa Anarquista, una historia de FAU. Tomo I. Raíces, 1870-1940. In: La FORU, su formación y SUS precedentes em Uruguay. Ed. Recortes. Montevideo. 2011. p.227

⁹ A “Máfia Anarcossindicalista” era um grupo de 77 anarquistas que foram expulsos para a Espanha.

INFLUÊNCIA ANARQUISTA NO RIO DA PRATA EM 1917

No Uruguai, a reverberação da Revolução Russa foi sentida sob o impacto do sindicalismo revolucionário¹⁰. Desde a segunda metade do século XIX, seções pertencentes à AIT já existiam em Montevidéu, inseridas no processo de construção do movimento operário. Tal tendência anarquista era significativamente majoritária no movimento e por esta razão, com a notícia da Revolução Russa, muitos grupos libertários a saudaram com exaltação. Com o desenrolar dos fatos e novas notícias que chegavam desde exilados no Leste Europeu, de companheiros que traziam os informes reais da revolução, imediatamente passaram a manifestar-se com profunda desconfiança e hesitação. Os que antes demonstravam sua solidariedade, em seguida, viram o duro golpe dado pela “ditadura do proletariado”, restringindo o poder dos *soviets*, articulando pactos e acordos com potências inimigas, abrindo a burocracia com velhos aristocratas czaristas e massacrando processos revolucionários genuínos.

A postura e a envergadura da prática bolchevique se expandiu para todos os movimentos operários no mundo, e no Uruguai, a disputa ideológica pelos espaços de inserção da classe trabalhadora, não foi diferente. As polêmicas no interior do movimento, principalmente o sindical, arrefeceu a organização e motivaram uma cisão penosa para a Federação Operária Regional Uruguiaia (FORU). A FORU não foi a primeira central que surgiu no Uruguai, no entanto, até o ano de 1917 foi a central que mais obteve êxito no campo sindical.¹¹ Na questão de experiência de lutas, a FORU alcançou importantes marcas no histórico de trabalhos de base, obtendo, até 1910, a filiação de marinheiros, estivadores, mineiros, caldeireiros, portuários, carpinteiros, mecânicos, entre outros, num expressivo número de trabalhadores agremiados.¹² Em crise e recebendo diversos golpes duros da repressão, a FORU se reergue em 1911 baixo modelo novo de organização, ajustando a sua força social – neste momento,

¹⁰ O sindicalismo revolucionário, tanto no Uruguai quanto na Argentina teve sua principal força organizativa e teórica a partir da presença dos anarquistas italianos Errico Malatesta, Pietro Gori e Luigi Fabbri. O crescente número de imigrantes europeus, principalmente italianos e espanhóis, chegados aos países do Prata, trouxeram, junto com suas bagagens, a experiência das agremiações.

¹¹ D’ALESSANDRO, Fernando López. Historia de La Izquierda Uruguaya 1. Anarquistas y Socialistas (1838-1910). 2ª Ed. Editora Carlos Alvarez. Montevideo. 1994. p.111.

¹² MECHOSO, Juan C. Acción Directa Anarquista, una historia de FAU. Tomo I. Raíces, 1870-1940. In: La FORU, su formación y SUS precedentes em Uruguay. Ed. Recortes. Montevideo. 2011. p.227

segundo as estatísticas oficiais, havia 117 mil operários industriais e, destes, 90 mil estavam filiados à Federação.¹³

De acordo com Mechoso, analisando a conjuntura do anarquismo social nos países do Prata, define que:

Os dois movimentos, anarquistas e operários, possuem raízes internacionalistas, contam com contribuição de imigrantes experientes e com posições definidas, acreditam nos métodos de ação direta como instrumento fundamental de luta unificante no que é fundamental, que resulta articulante e motivadora.¹⁴

Entre 1916 e 1917, o nível de combatividade entre o movimento operário e as tropas do exército se intensifica. Um dos bairros operários de Montevideu, o Cerro, permanece praticamente sitiado, em razão da numerosa quantidade de anarquistas e revolucionários que ali trabalham, militam e residem. Na virada de 1917, os frigoríficos (principal aglomeração de anarquistas) promulgam nova greve que é reprimida com o assassinato do operário Melanio Garos. Em maio do mesmo ano, estala mais uma grande paralisação com total apoio da FORU, cujo comunicado oficializa:

A Federação Operária Regional do Uruguai, compreendendo a situação continuará o seu trabalho, realizado desde bastante tempo, de reforçar agora, mas com maior tenacidade, levando a cabo uma intensa agitação para demonstrar a inutilidade de toda a lei como meio de emancipação, e proporá com seu esforço que os grêmios em geral, se unam para lutar e contar com seu único esforço, a fim de conquistar a jornada de 8 horas.¹⁵

Em 1917, a importância da FORU reorganizada, se dá, em medida, pela influência da concepção malatestiana do anarquismo, dividido em dois níveis militantes – o social exercido na própria FORU e demais sindicatos, e o político mediante as organizações anarquistas, como os comitês libertários e o Centro de Estudos Sociais.¹⁶ Consequentemente, os calorosos debates sobre o direcionamento da Revolução Russa fizeram produzir uma extensa literatura sobre a estratégia da transformação social e principalmente sobre os questionamentos acerca da natureza do protagonismo social. A

¹³ Op cit. In: FORU, su reorganización de 1911 e El Cerro obrero sitiado por el ejército. Um paralelo en 1916-17. p.261 e 279

¹⁴ Op cit. In: La FORU, su formación y sus precedentes en Uruguay. p.230. Tradução do autor.

¹⁵ Op cit In: La larga lucha por las 8 horas. p. 293. Tradução do autor.

¹⁶ Op. Cit. In: Se reorganiza la FORU a fines de 1916. p.303

realidade da situação do movimento com a metodologia marxista exigiu novos ajustes e reinvenções na militância social libertária. O militante e co-fundador da FAU escreve sobre a chegada das notícias e o parecer libertário sobre a Revolução de Outubro:

Como em outros lugares, no campo libertário se repercutiu, traduzido de muitas formas, produzindo-se feitos diversos: conflitos ideológicos, novas formas de encarar o movimento operário, continuação de espera do processo russo em seus primeiros momentos, necessidade de definições.¹⁷

O jornal “La Batalla”, edição de maio de 1919 publicava como matéria principal a seguinte indagação: “A Revolução Social triunfante na Rússia pode ter influência nos demais países do mundo? Se sim, qual deverá ser a ação dos anarquistas frente aos fatos que estão se produzindo?”¹⁸ Uma grande parte dos anarquistas inseridos na FORU verão com olhos críticos o que acontece na Rússia dos Soviets e farão coro com os demais companheiros internacionalistas que estão na FORA.

Da Argentina de Ushuaia, do massacre de trabalhadores e da justiça feita pelo anarquismo expropriador à ditadura de Yrigoyen e do Coronel Falcón¹⁹, não seria exceção se o anarquismo argentino não causasse exaltação no movimento operário. Na Argentina, o impacto causado pela Revolução Russa foi semelhante ao irmão-vizinho uruguaio, cuja militância anarquista era consideravelmente prevalecente na classe trabalhadora organizada. Em 1917, uma organização de extrema direita, a Liga Patriótica Argentina²⁰, criada a partir das greves, incluía paramilitares, civis, capatazes, cuja intenção era a sabotagem, ações criminosas, contra anarquistas, imigrantes e sindicatos, organizando uma intensa perseguição contra a presença de russos no país.²¹ A repressão à organização dos trabalhadores expandiu-se por todo o país, fazendo com que o governo ditatorial de Hipólito Yrigoyen promulgasse leis marciais anti-imigrantes

¹⁷ Op. Cit. In: *Llega la Revolución Rusa*. p.308. Tradução do autor.

¹⁸ Op. cit. p.309. Tradução do autor.

¹⁹ A FORA conseguiu engendrar as maiores greves da história do país, mobilizando milhares de trabalhadores contra a carestia e as condições de trabalho. Militantes anarquistas, imigrantes russos, italianos e espanhóis usaram da tática da expropriação e da violência para reter os duros golpes da repressão.

²⁰ Juntamente com a Liga Patriótica, a Liga Republicana também fazia parte do movimento nacionalista argentino antisocialista, que mais tarde ambas se tornam conhecidas aos massacres da Semana Trágica de 1918 e de Santa Cruz em 1920, cujo episódio foi popularmente chamado de a “Patagônia Rebelde”.

²¹ PITALLUGA, Roberto. *Lecturas anarquistas de la Revolución Rusa*. In: *Prismas* nº 6, 2002, pp. 179-188 e PITTALUGA, Roberto. *De profetas a demonios: Recepciones anarquistas de la Revolución Rusa (Argentina 1917-1924)*. In: *Sociohistórica*, (11-12), 2002. Disponível em http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3061/pr.3061.pdf. Acesso em: 28/12/2011.

e armado conflitos com cerca de 700 trabalhadores mortos e inúmeros desaparecidos.²² Como no Uruguai, as fronteiras divisórias ideológicas entre anarquistas e comunistas partidários se deram via enfrentamentos em meio a um contexto político cada vez mais tenso e fatal para o movimento operário argentino. O clima de descontentamento no seio do movimento e as animosidades às práticas autoritárias dos comunistas geraram um enfraquecimento do poder político da FORA²³, abrindo margem para o término da sua existência em 1922. Seis anos antes, a alteração no programa (declaradamente de cunho libertário) levou à desfiliação de todos os sindicatos anarquistas, o que ocasionou, posteriormente, a sua dissolução em 1922. Ainda em 1919, influenciados pelo impacto da Revolução Russa, anarquistas expropriadores promovem os mais notórios assaltos com fins políticos. Segundo o historiador anarquista argentino Osvaldo Bayer,

(...) o ambiente que se vivia não pôde ter sido organizado senão por russos. Assim é: o mundo social vivia atormentado pela Revolução Bolchevique de Petrogrado e Moscou. Na Argentina, as fileiras anarquistas contavam com uma profusão de sobrenomes eslavos que vinham à tona nos tiroteios em frente aos sindicatos ou nos atentados com bombas.²⁴

Para encorpar o coro crítico ao processo revolucionário russo, em Buenos Aires, publicavam-se manifestos contrários à política autoritária, escritos por Luigi Fabbri, Rudolf Rocker, Emma Goldman, Alexander Berkman, Kropotkin e Makhno, assim como a “Primeira Conferência das Organizações Anarquistas da Ucrânia” (Nabat).²⁵ Em 1919, entre os jornais “La Protesta” e “La Antorcha”, iniciavam-se divergências quanto ao fato de apoiar ou não a Revolução Russa, parecidamente com o debate entre os periódicos uruguaios “La Batalla” e “El Hombre”. É fato que a Revolução Russa repercutiu de uma forma ou de outra sobre a vida sindical na Argentina. Bayer afirma que “quase a maioria atacará tanto o capitalismo como o governo de Lenin por serem, para eles, ditaduras iguais com formas distintas.” Grupos anarquistas chamavam outros libertários de traidores, através das publicações de “La Protesta”, “El Libertario” e “Tribuna Proletaria”. Porém, dos poucos grupos anarquistas que ainda apoiavam a

²²PITALLUGA, Roberto. De profetas a demonios: recepciones anarquistas de la Revolución Rusa (Argentina 1917-1924).

²³ A Federação Operária Regional Argentina (FORA) foi uma organização sindical criada 1901 que destacou-se pelo seu programa revolucionário que incluía elementos da propaganda anarquista e a defesa da autogestão econômica.

²⁴ BAYER, Osvaldo. Anarquistas Expropriadores. Editorial Luta Libertária. 2004.p. 12.

²⁵ PITALLUGA, Roberto. Disponível em:

http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3061/pr.3061.pdf. Acessado em 06/04/17.

Revolução Russa, já em 1922, não sustentavam a mesma defesa. Com a perda do horizonte revolucionário russo, as organizações anarquistas do Rio da Prata tiveram que assimilar, de forma crítica, as consequências do sindicalismo estatal, autoritário e refazer uma autoanálise sobre os desvios da proposta libertária.

O ANARQUISMO TRANSANDINO E PARAGUAIO EM 1917

No Paraguai, o movimento anarquista se encontrava na militância no sindicalismo revolucionário desde a segunda metade do século XIX com o fortalecimento e organização de ferroviários, padeiros, carpinteiros e pedreiros, resultando objetiva vitória pela jornada de 8 horas em 1901. Jornais libertários divulgavam as ideias e incentivavam a participação nas greves²⁶. Como nos países do Prata, o movimento operário paraguaio obteve influência direta de imigrantes espanhóis e italianos, tal como a visita de Pietro Gori (1900) em Assunção²⁷, além de anarquistas argentinos. A criação da Federação Operária Regional Paraguaia (FORP) em 1906, que seguia o modelo das federações vizinhas²⁸, tinha uma posição declaradamente antipartidária, dada seu caráter anarcossindicalista. Diferentemente do movimento anarquista, de preponderância e quantidade superior de trabalhadores do meio urbano, o anarquismo paraguaio possuía uma significativa presença do meio rural e indígena, inclusive na formação de sociedades de apoio mútuo e sindicatos agrários que faziam enfrentamentos diretos com os grandes latifundiários. Podemos citar como personagem importante da época, o militante Rafael Barret, que denunciava desde o jornal “Germinal” as calúnias do governo e as atrocidades no campo. Um ano antes da Revolução Russa, os anarquistas criaram uma organização chamada “Primeiro de Maio”, cujas atividades deram origem à fundação do Centro Operário Regional do Paraguai (CORP), organizando seções trabalhistas em todas as regiões do país.²⁹ Em 1917, com a Revolução Russa em andamento, o anarquismo paraguaio teve forças para impulsionar um amplo movimento operário-campesino até a década de 30. Foram

²⁶ O jornal “Los Hijos del Chaco” autointitulava-se anarcocomunista e propagandeava a abolição da propriedade privada, a destruição do Estado, do clero e do exército; Jornal “Germinal” de Rafael Barret.

²⁷ Pietro Gori, após passar pela Argentina, Chile e Uruguai, conheceu a capital paraguaia ajudando na edição do estatuto do sindicato de pedreiros.

²⁸ Tal como a FORA, FORU, FORCH, FOSP, FORGS e FORJ.

²⁹ CAPPELLETTI, Angel & Rama, Carlos. “El anarquismo en América Latina”. Ed. Ayacucho, Caracas, 1990, pg. 77.

criados dezenas de novos periódicos como “La Rebelión”, “La Tribuna”, “Renovación”, etc. No auge da violenta perseguição contra os trabalhadores, os anarquistas formaram em 1928, em conjunto com os socialistas, a Aliança Nacionalista Revolucionária, que, aos moldes dos *soviets*, tinha por objetivo a derrubada do governo liberal de Guggiari e a constituição de uma Federação de Comunas.³⁰

O anarquismo no Chile nasceu após os contatos entre libertários que vinham da Espanha e de outros ácratas argentinos que cruzaram os Andes. No final do século XIX, já havia dezenas de jornais anarquistas como “El Oprimido”, “El Ácrata”, “La Luz”, “La Revuelta”, “La Batalla”, “Acción Directa”, entre outros. Os primeiros sindicatos e sociedades de resistência foram fomentadas pelos grêmios de carpinteiros, ferroviários, padeiros, sapateiros, gráficos, etc com a ajuda de espanhóis e italianos como Pietro Gori. No ano de 1905, Santiago pôde presenciar a organização do que foi chamada “Semana Vermelha”, pelo movimento anarquista, que tinha por objetivo protestar contra a carestia de alimentos e paralisar a indústria frigorífica. O resultado foi um massacre de trabalhadores, com cerca de 200 mortos pela polícia. Em resposta à violência, os coletivos de solidariedade promoveram greve geral, fazendo com que o governo decretasse estado de sítio e colocasse a infantaria em cena. A Federação de Trabalhadores do Chile (FTCH) foi criada por estes coletivos de resistência e de solidariedade, agregando mais da metade da classe trabalhadora nacional. Dois anos depois, a FTCH organiza uma nova greve geral e o governo realiza um dos maiores massacres da história da América Latina e do mundo: o Massacre de Santa María de Iquique. No 21 de dezembro de 1907, por ordem do exército, cerca de 3.600 mineiros foram brutalmente assassinados na Escola Domingo Santa María, perto do porto de Iquique, quando protestavam contra as miseráveis condições de trabalho nas minas e pelo apoio à greve geral. Tal evento gerou uma conjuntura de violência extrema e de terrorismo de Estado onde o movimento operário chileno não pôde se reerguer por cerca de dez anos.³¹ No entanto, a resposta vinda do anarquismo insurrecional foi imediata. Em 1914, o general Silva Renard, responsável pelo massacre, foi alvo de um atentado a bomba, executado pelo anarquista espanhol Antonio Ramón (cujo irmão foi assassinado no massacre de Santa María de Iquique, sete anos antes). Com alguns ganhos da classe trabalhadora nos anos 20, a forte repressão que deixou mais de 15 mil mortos até o

³⁰ VITALE, Luis. “Contribución a una Historia del Anarquismo en América Latina”. Ed. Instituto de Investigación de Movimientos Sociales “Pedro Vuskovic”, Santiago, Chile. 1998, p. 14.

³¹ DEVES, Eduardo. “Los que van a morir te saludan”. Santiago, Chile. 1997. Ed. LOM.

momento, e a disputa entre marxistas e anarquistas, fizeram com que o movimento sindical se dividisse e enfraquecesse.³²

Os chamados “socialistas moderados” nos final dos anos 20 já haviam conquistado a hegemonia da FTCH. Em razão disso, como último fôlego do anarcossindicalismo, ainda em 1919, anarquistas criam a seção chilena da Industrial Workers of the World (IWW), porém, sem o alcance desejado que a antiga FTCH exercia. Em 1924, os anarquistas de tendência sindical revolucionária deram impulso à Federação Operária Regional Chilena (FORCH), ligada à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), tendo a FORA e a FORU como suas principais referências. A FORCH terá sido diluída nos anos 50, pela criação de uma central (também de orientação anarquista) chamada Movimento Unitário Nacional de Trabalhadores (MUNT), a partir de mais outras 12 federações libertárias.³³

Enquanto na Bolívia, a história do anarquismo e do anarcossindicalismo floresceu e teve seu ápice, a partir dos anos 1910 até 1930. Em 1906, na cidade de Tupiza, capital da província de Sud Chichas, em Potosí, a União Operária Primeiro de Maio realizava a primeira ação anarquista através da greve geral. A partir de então, sindicatos e federações foram criando-se até constituir a nova Federação Operária Local (FOL), utilizando como bandeira a semelhante da CNT espanhola. Marxistas e anarquistas fundam conjuntamente, em 1918, a Federação Operária do Trabalho (FOT). No ano seguinte, a FOT organiza uma onda de greves e em 1920, a participação anarquista é intensa. Na capital, La Paz, as organizações anarquistas como La Antorcha, fundavam espaços culturais e de apoio proletário como os Centro Cultural Operário e o Centro Operário Libertário.³⁴

A experiência anarquista no Peru foi igualmente decisiva para a criação de um forte sindicalismo revolucionário, referência para a América Latina. A fundação da Federação de Operários Padeiros “Estrella del Perú” (FOPEP), se dá em 1904, criada por militantes anarquistas, até promoverem sucessivas lutas para, em 1912 ser concebida a Federação Operária Regional do Peru (FORP). A conquista da jornada de 8

³² CAPPELLETTI, Angel & Rama, Carlos. “El anarquismo en América Latina”. Ed. Ayacucho, Caracas, 1990. p. 85.

³³ VITALE, Luis. “Contribución a una Historia del Anarquismo en América Latina”. p. 25 e BARRET, Daniel. “El mapa del despertar anarquista latinoamericano”.

³⁴ CAPPELLETTI, Angel & Rama, Carlos. “El anarquismo en América Latina”. Ed. Ayacucho, Caracas, 1990. p. 94-98. LEHM e RIVERA. Zulema e Silvia. “Los artesanos libertarios y la ética del trabajo; Taller de Historia Oral Andina”. La Paz, 1988. MARGARUCCI, Ivanna. “La experiencia anarquista en el movimiento obrero boliviano.” Revista (de)Construir. Pensamiento Libertario Periférico, N°1, Buenos Aires.

horas foi graças à participação orgânica destas federações envolvidas nas greves gerais divulgadas pelo maior jornal libertário do país, “La Protesta”. A Revolução Russa com o golpe de estado a caminho pelos bolcheviques fez despertar no socialismo peruano a ideia de direção partidária dos sindicatos. Contra tal motivo, a FORP declarou-se em assembleia, no ano de 1919, como entidade de princípios anarcossindicalistas. No entanto, o modelo proposto pela entidade, alterou a estrutura de apoio ao movimento operário e ficou restrito a uma participação mais complacente. Com a repressão, o anarquismo peruano teve um grande número de militantes expulsos.³⁵

O anarcossindicalismo no Equador mobilizou a criação de federações e jornais libertários, como o Centro de Estudos Sociais que divulgava o jornal argentino “La Protesta”, o estadunidense “Solidarity” e “Claridad”, do Chile. Mas é em 1919 que “El Proletario” passa a ser o mais importante veículo anarquista equatoriano, editado por José Alejo Capelo, qual passam a se constituir os primeiros sindicatos anarquistas. Com a grande greve geral promulgada em 1922 na capital de Guayaquil, a repressão contra os grevistas gerou um terrorismo de Estado, com 200 mortes.³⁶

* * *

A participação dos anarquistas no ano de 1917, em diversas partes do continente americano, geralmente, é medida sob dois aspectos desfavorecidos: por uma historiografia ausente e, quando citada, pela rica conveniência da literatura marxista ao “reconhecer” o papel protagonista dos anarcossindicalistas até o “amadurecimento” do movimento operário quando organiza-se em partido político ou conquista ideologicamente os mecanismos sindicais. Em ambas citações, podemos perceber os epítetos atribuídos ao movimento anarquista como práticas reacionárias, desorganizadas e até mesmo, burguesas. Por ignorância ou mesmo por dolo, a versão histórica geral costuma desempenhar a mesma função por aquela exercida e tão criticada, como a dos *vencedores*. Ao ignorar e desconsiderar a relevante história social do anarquismo neste período, e posteriormente, este tipo de posicionamento incide sobre o anarquismo o

³⁵ CAPPELLETTI, Angel & Rama, Carlos. “El anarquismo en América Latina”. Ed. Ayacucho, Caracas, 1990, p. 99.

³⁶ PÁEZ, Alexei. “El anarquismo en el Ecuador”. Corporación. Editora Nacional. Quito. 1986.

tratamento de uma “ideologia marginal absolutamente minoritária e desprezível”.³⁷ Pode-se dizer, com certeza de que, apesar do anarquismo na América Latina tenha sido “importado” ou trazido pelos imigrantes europeus, em conjunto com as experiências próprias do povo latinoamericano, este novo fenômeno ajudou a contribuir com uma nova forma de pensamento, contra o sistema opressor. E isso, quando não forja novas formas de considerar o anarquismo como puramente europeu, podendo assim, nós afirmarmos o mesmo em relação ao anarquismo africano e asiático, por exemplo. A forma de organização política e social, os elementos sociais e culturais encontrados nos povos americanos, são dispositivos teóricos importantes para se pensar em perspectivas que ponham em pauta o eurocentrismo, mesmo, em se tratando de ideologias emancipatórias. Organizações como a FORA e a FORU, por exemplo, ou a existência de um Partido Liberal Mexicano e a Federação Anarquista Uruguaia, levantam estas questões pertinentes em relação a uma CNT espanhola ou IWW estadunidense.

O certo é que em 1917, em meio ao estridente fenômeno da Revolução Russa, o anarquismo latinoamericano subsistiu em todo o continente ligando muitos elementos em comum. A ideia de um anarquismo derrotado após os anos 30, com o crescimento do fascismo e das apropriações bolcheviques de seus instrumentos de luta, não pode ser, por outro lado, visto da mesma forma. No Uruguai, por exemplo, o anarquismo especificista, de recorte classista e operário, nunca chegou a cessar sua continuidade, até a atualidade.

³⁷ CAPPELLETTI, Angel & Rama, Carlos. “El anarquismo en América Latina”. Ed. Ayacucho, Caracas, 1990. p. 100